

Crianças sem Rede — A Proteção da Criança na Internet

1 de junho de 2026 · Palácio dos Marquês da Praia e Monforte · Loures

João Massano

Bastonário da Ordem dos Advogados

Bom dia a todos.

É um prazer estar aqui, ter aqui entre nós o Sr. Procurador-Geral da República, que aproveito para cumprimentar.

Sra. Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loures, muito obrigado pelo apoio que deu a esta iniciativa.

Senhora Dra. Catarina Escudeiro, em representação do Sr. Vice-Presidente do Conselho Superior da Magistratura, é um gosto ter podido contar também com o apoio do Conselho Superior, como em todas as iniciativas que temos vindo a realizar.

Sr. Presidente do Conselho Regional de Lisboa, é um gosto estar aqui por vários motivos.

O primeiro é porque nasci em Odivelas, na altura em que Odivelas fazia parte de Loures. Portanto, estão aqui representados os dois municípios e é um gosto estar aqui, apesar de eu já não reconhecer a Odivelas do tempo em que morava junto à igreja. Já não tem nada a ver com o que era.

De facto, esta zona mudou muito desde a altura em que eu era criança e jovem. Por isso, é sempre bom voltar e ver as mudanças que foram efetuadas.

Hoje é também um dia muito especial para mim, porque, no percurso até chegar onde estou, participei em tantas conferências nesta sala que lhes perdi a conta.

Nem sempre teve tanta gente ilustre como hoje, mas foram muitas, com muitos Advogados, e de facto é um gosto voltar aqui.

Aproveito para cumprimentar toda a Delegação, na pessoa do seu Presidente. Esta foi uma Delegação sem medo e teve um papel muito importante no meu caminho até chegar aqui hoje. Quero deixar publicamente o meu agradecimento por toda a importância e pela coragem que teve quando os tempos não eram tão fáceis. Muito obrigado.

Quero também agradecer à senhora Presidente da Comissão da Família e das Crianças da Ordem dos Advogados por todo o trabalho incansável que a Comissão tem feito. Tem sido uma Comissão muito ativa e tem ajudado a concretizar uma das principais preocupações deste mandato: a família e as crianças. Tem promovido muitas conferências e esta é, obviamente, uma delas. Agradeço também a aceitação da proposta que fiz num jantar da Delegação de Loures: realizar uma conferência no Dia da Criança. Felizmente, estamos aqui hoje, fruto da conjugação de esforços da Comissão, da

Delegação e do Tribunal. Isto significa que é possível realizar coisas em conjunto. Agradeço, naturalmente, termos uma magistrada com iniciativa, que conseguiu juntar-nos aqui hoje.

Muito obrigado.

Hoje é um dia especial. É o meu primeiro dia como avô. É uma coisa diferente, não estava à espera.

Estar aqui hoje a falar sobre isto traz-me duas preocupações.

A primeira é óbvia: para um avô do Sporting, é inscrevê-lo como sócio. Ainda vou tentar fazê-lo até ao final do dia. Não sei se terei tempo, mas é uma daquelas coisas que um avô tem de fazer no primeiro dia de vida do seu neto. É uma obrigação.

Depois, há uma interrogação que me coloco: ser pai hoje é muito difícil.

Na altura em que eu era criança, achava que era perigoso andar na rua e ter aquelas brincadeiras um bocado parvas que nós tínhamos. Para quem não se lembra, as crianças brincavam com calhaus da rua, atiravam-nos umas às outras e, às vezes, havia uma que partia a cabeça.

Eu olho para trás e acho que esses tempos foram menos perigosos do que os de hoje.

Porque, de facto, dantes o perigo estava na rua. Hoje, o perigo está no quarto, está no recreio, e as suas consequências são muito mais perigosas.

Dantes bastava ir ao hospital: mais ponto, menos ponto. Hoje não.

E custa-me um pouco olhar para tudo o que se passa porque, de facto, o que eu sinto é que os pais não estão preparados.

Porque não foram preparados para isto que lhes está a acontecer hoje em dia. Há aplicações novas e velhas que os pais desconhecem, não têm a menor noção do que ali está e, por isso, não conseguem proteger os seus filhos.

Pelo contrário, acham que estão no quarto e que estão protegidos. É mentira.

Assusta-me um pouco porque, há uns tempos, escrevi sobre o Roblox e fiz uma auscultação à minha volta, junto de pais com crianças em idade de utilizar o Roblox nos telemóveis.

Eles não faziam ideia do que poderia acontecer no meio digital com aquilo.

E isso é assustador, mais assustador do que tudo o resto.

Neste momento, temos um projeto de lei, que espero que seja aprovado rapidamente, relativo às redes sociais e à idade mínima para as utilizar, fixando-a nos 16 anos. Mas não basta a lei estabelecer essa limitação. É importante que todos percebam que têm um papel neste problema. Há pouco falávamos da influência dos telemóveis: estão em todo o lado, as pessoas deixam de falar e ficam ao telemóvel. Dão-se telemóveis às crianças para passarem o tempo, como se fossem um dos melhores babysitters que existem. Mas,

mesmo que os pais proíbam as crianças de ter um telemóvel ou não lho comprem, elas não vivem sozinhas.

Basta chegarem ao recreio ou à rua, basta terem um amigo com telemóvel, e lá se vai a proibição.

A questão é: como é que a sociedade e o sistema — o tal sistema, o famoso sistema — se vão defender ou ajudar a defender os seus perante ameaças tão graves?

A questão das crianças sem rede, embora com rede, é um problema social, um problema de estruturação da sociedade.

Não é só um problema dos tribunais. Quando os tribunais e as forças de segurança intervêm, a situação já está mal.

O problema está antes: no que se faz ou no que não se faz antes de essa situação acontecer.

O problema é, principalmente, o que não se faz.

Qual é o papel que queremos ter na estruturação de uma sociedade? Qual é o papel de todos nós? Muitas vezes, dizemos que a culpa é dos outros, que a culpa é do sistema.

Mas, se pensarmos um pouco, o sistema somos todos nós e todos temos uma palavra a dizer.

Basta olhar para as consequências de nada fazer ou de fazer alguma coisa.

Felizmente, temos tido alguns bons exemplos e também é preciso referi-los.

Nomeadamente, o caso daquelas duas crianças abandonadas em Alcácer: porque houve alguém que não olhou para o lado e foi ajudá-las, as coisas correram bem.

Mas se essa pessoa tivesse feito o que muitos de nós provavelmente fazemos nestas situações, que é olhar para o lado, o que é que lhes poderia ter acontecido?

Essa é a pergunta que todos devemos colocar.

E não é só na situação de crianças abandonadas, é em toda e qualquer situação.

Todos temos um papel. Por muito pequeno que pareça o nosso esforço, temos de pensar que, se mudarmos o que está à nossa volta, já fizemos alguma coisa. E, se formos muitos a pensar o mesmo, a diferença será muito maior.

Neste momento, podem não acreditar ou ainda não ter essa noção, mas o que estamos a fazer, ou o que não estamos a fazer, às nossas crianças já está a ter consequências na nossa sociedade. E serão ainda piores se nada fizermos.

Não é difícil pensar no jovem que mata a mãe, completamente insensível, sem qualquer sinal de arrependimento. Não é difícil pensar no bullying, no jovem que está, na tranquilidade do seu quarto, a orquestrar homicídios no Brasil e ataques em escolas.

As coisas estão a acontecer à nossa frente e ou nós fazemos alguma coisa rapidamente, todos, não é só um ou outro, ou então a nossa sociedade, num futuro muito próximo, será completamente diferente daquilo que conhecemos hoje em dia.

Desejo-vos, em nome da Ordem dos Advogados, um excelente dia de trabalhos.

Espero que seja um momento de muita reflexão e que haja conclusões a retirar para futuro, porque ainda é possível alterar isto, ainda é possível inverter o rumo, mas é preciso que todos assumam a sua função e as suas obrigações enquanto membros de uma sociedade que se quer livre, democrática e protetora das suas crianças.

Muito obrigado.